

O NÚCLEO HABITACIONAL DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU.

Grasiela Tebaldi Toledo
Piero Alessandro Bohn Tessaro
Prof. Dr.Saul Eduardo Seiguer Milder

“... fronteira é um espaço altamente dinâmico, em permanente construção, um lugar de confronto, reencontro, transgressão, cruzamento, passagem, troca, contato, intercomunicação, ou seja, é o lugar do entrelaçamento cultural, mas também da interdependência econômica, o que gera uma articulação regional baseada na zona fronteira...” (SOUZA, s/n).

A Estância Velha do Jarau localiza-se em Quaraí – Rio Grande do Sul, fronteira com Artigas no Uruguai, sendo que no século XIX, momento de maior atividade dessa estância, esse espaço foi marcado por disputas de território e delimitação dos limites entre os estados nacionais (Brasil e Uruguai) em formação. Essa localização fronteiriça não é uma mera questão de ambientação atual do sítio, mas sim um contexto histórico importante, desde o momento de sua fundação. As estâncias no Rio Grande do Sul foram tanto um núcleo produtivo de criação de gado, como uma forma de garantir a posse das terras e definir os limites do Estado brasileiro, frente ao avanço castelhano. Dessa forma as estâncias se configuraram como uma estratégia para a defesa da fronteira. Mas além de disso, as estâncias se tornaram um ambiente de convívio familiar, um local de moradia, sendo que dessa forma se desenvolveu um espaço doméstico, com lugares específicos para essa função.

Os proprietários da Estância Velha do Jarau foram Maneco Pedroso, no início do século XIX, Bento Manuel Ribeiro (1828), Olivério Pereira, sendo que seus herdeiros foram sendo os sucessivos donos da estância e coube a Olympio Giudice a construção da nova sede e total abandono da Estância Velha entre 1905 e 1907.

Em 1828, Bento Manuel Ribeiro torna-se o proprietário das terras e inicia uma atividade pecuarista considerável na estância. Bento Manoel se dedicava à criação de gado, e era responsável também pelas cavalcadas (tropa de cavalos) utilizadas nas campanhas militares destinadas a defesa da fronteira oeste do atual estado do Rio Grande do Sul.

Essa cronologia dos habitantes e proprietários da estância é importante para perceber que a cultura material que hoje forma o registro arqueológico é proveniente de todos esses proprietários e momentos históricos distintos, não somente de Bento Manoel, proprietário mais conhecido na historiografia.

Dessa forma, os vestígios arqueológicos dessa estância são múltiplos e representativos desse momento histórico. A tralha bélica representa muito bem o ambiente conflituoso do período, porém o material que se pretende analisar são as louças e as estruturas centrais do complexo estancieiro, visando compreender o espaço familiar e doméstico da estância.

Esses materiais foram coletados em diversas campanhas arqueológicas coordenadas pelo professor Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder (Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas – LEPA – UFSM), que iniciaram em 1997 e continuaram sucessivamente em 1999, 2000, 2001, 2003 e 2006.

As louças coletadas nas campanhas arqueológicas de 1997, 1999 e 2000, já contaram com uma análise, em uma dissertação de mestrado.

“[...]dentro das características do sítio, a mera presença de certos vestígios como a louça, já torna-se relevante, tendo em vista o contexto histórico que ressalta as dificuldades de acesso a um comércio mais intenso, evidenciando-se materialmente pela escassez de exemplares.” (GOMES, 2001, p. 107)

GOMES também comenta que a existência de pratos, travessas, xícaras, malgas, pires, indicam costumes aprimorados e a necessidade preexistente de mesas e cadeiras e de um ambiente interno da casa provavelmente destinado a esta finalidade. (2001, p. 121).

Ao pesquisar essa estância objetiva-se ampliar o conhecimento arqueológico da região sudoeste do Rio Grande do Sul, mais especificamente da cidade de Quaraí, região da campanha gaúcha, conhecida no cenário nacional e na historiografia como um marco de demarcação territorial, durante o século XIX.

“Tradicionalmente, vê-se a fronteira como fruto de tratados, de negociações ou ainda como o resultado de heróicas vitórias em campos de batalhas, possivelmente essa visão está incompleta. Levando-se em consideração todo o processo de construção dos estados nacionais em questão (Brasil/Uruguai), percebe-se que estes não conseguiram consolidar suas fronteiras nacionais sem a participação daqueles que passaram a residir nas chamadas estâncias.” (SANTI, 2004, p. 13)

É importante entender os hábitos cotidianos e domésticos dessa estância, muitas vezes consagrada na historiografia como um lugar apenas de conflito, beligerante, de demarcação territorial e masculino. E na maioria das vezes, não é nem mencionado o cotidiano dos habitantes da região, parecendo que só existem homens “gaúchos” que guerreiam a todo o momento e se alimentam de churrasco e carreteiro.

Através dessa pesquisa é possível demonstrar como uma estância de fronteira também pode ser um núcleo habitacional, com espaços reservados as atividades domésticas, femininas, e que não aparecem no registro documental escrito. Dessa forma a estância não se configura apenas como um local de conflito e criação de gado.

Para isso foi analisado as escavações realizadas em 2001 e 2006 que priorizaram as áreas mais centrais da estância, ou seja, as áreas que se referem à moradia, como casa-sede, galpão, cubículos, cozinha, “quinta”, avarandado e uma área lateral a essas estruturas.

A intervenção arqueológica de 2001 revelou que o local anteriormente identificado como uma senzala tem vestígios comprovando ser uma cozinha (panelas, talheres, vestígios faunísticos abundantes) e que não coadunam com a idéia que fosse uma senzala (relógios, gaitas, moeda). Esse local teve a estratigrafia bem evidenciada, o que permitiu verificar o incêndio registrado nas fontes documentais, devido à quantidade de materiais arqueológicos queimados, não só na área em que foi identificada uma estrutura de fogão.

Com essa escavação também se pode perceber que a Quinta possivelmente também não está no local definido por Gomes (2001), pois a quantidade de material arqueológico (louça, telhas, tijolos, vidros, metais, ossos) encontrado inviabilizaria a plantação de árvores. Esse local possivelmente teve uma estrutura telhada, mas ainda não foi definido que tipo de construção havia no local e que função poderia ter no complexo estancieiro.

Já na intervenção de 2006 foi realizado um trabalho diferente (*full coverage survey*), visando perceber a dispersão do material por toda área da suposta Quinta para que tivéssemos mais dados para investigar o que seria este local.

E também foi mapeada uma área ao nordeste das estruturas centrais da estância, inexplorado arqueologicamente e que revelou ter muitos vestígios faunísticos (ossos de variadas espécies).

Todas as escavações e pesquisas feitas na Estância Velha do Jarau demonstram o potencial histórico e arqueológico desse espaço. Estudar essa estância serve para compreender a importância das estâncias na consolidação da fronteira Brasil-Uruguai, e também para compreender como são os espaços e lugares de uma estância do século XIX. Percebendo que tipo de construção existia, de que forma eram dispostas pelo ambiente, além de possibilitar entender o tipo de cultura material que essa sociedade está consumindo e os hábitos da mesma.

Estudar esse sítio visa mostrar a pluralidade da Arqueologia Histórica e como ela se utiliza de várias fontes e materiais para que a pesquisa seja mais completa. Dessa forma o sítio arqueológico histórico Estância Velha do Jarau é um objeto de estudo que permite discutir como a

Arqueologia Histórica pode responder determinadas questões da história do Rio Grande do Sul, bem como compreender a materialidade da estância, e os hábitos de seus ocupantes.

Assim, é possível construir um discurso arqueológico referente ao sítio estudado, aproximando cultura material e história do Rio Grande do Sul.

Bibliografia

GOMES, Flamarion Freire da Fontoura. **Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1828 – 1905)**. Um estudo de caso em arqueologia histórica rural. Dissertação de Mestrado PUCRS – Arno Alvarez Kern- 2001.

SANTI, Juliana Rossato. **Estabelecimento de Estâncias: Estratégia imposta pela Cora Luso-Brasileira na fixação dos limites da fronteira oeste do Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado – MILA – 2004.

SOUZA, Susana Bleil. Fronteiras na História: os espaços norte americano e platinos no século XIX. In: **Revista de integração latino americana**. n.º 3, ano 2, n.º 1. s/ ano.